

*O Dia da Faculdade de Direito
em que recebemos um
Presidente da República da Bulgária*

TÍTULO

O Dia da Faculdade de Direito em que recebemos um
Presidente da República da Bulgária

AUTORES

Petar Stoyanov
Rui Manuel de Figueiredo Marcos

IMAGEM DE CAPA

Ana Paula Silva

IMAGENS DA OBRA

João Rijo Madeira

DESIGN E EXECUÇÃO GRÁFICA

Ana Paula Silva

ISBN

978-972-8156-16-9

DEPÓSITO LEGAL

2021

FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DECRETO.

Atendendo a que os rapidos e multiplicados progressos que tem feito os estudos superiores, especialmente no ramo das Sciencias naturaes, depois da ultima reforma geral da Universidade de Coimbra, tornam sumamente urgente uma nova organisação dos Cursos scientificos de tão grande e importante estabelecimento, por maneira que estejam completamente em harmonia com o estado actual dos conhecimentos: Hei por bem Approvar, e Decretar o Plano de Estudos, que para aquella Universidade Me foi apresentado pelo Vice-Reitor da mesma, o Doutor José Alexandre de Campos, e que me assignado pelo Manoel da Silva Passos, Secretario d'Estado dos Negocios do Reino. O Secretario d'Estado dos Negocios do Reino assim o tenha entendido, e faça executar. Paço das Necessidades, em cinco de Dezembro de mil oitocentos trinta e seis. R. A. N. H. Manoel da Silva Passos.

Dezembro 2018
DIA DA FACULDADE DE DIREITO
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O Dia da Faculdade de Direito
em que recebemos um
Presidente da República da Bulgária

PETAR STOYANOV
RUI MANUEL DE FIGUEIREDO MARCOS



FACULDADE DE DIREITO
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Art. 78.º As Faculdades de Canones e Leis ficam reduzidas á Faculdade de Direito, que comprehende as cadeiras de Direito natural, e das Gentes.
Primeiro anno.
1.ª Cadeira = Sciencia da Legislação, e Direito natural.
Segundo anno.
3.ª Cadeira = Direito Publico Universal, e das Gentes.
4.ª Cadeira = Instituições de Direito Ecclesiastico Publico, e Particular, e Liberdades da Igreja Portuguez.
Tercero anno.
6.ª Cadeira = Direito Publico Portuguez para Constituição, Direito Administrativo Patrio, Principios de Politica, e Direito dos Tractados de Portugal com os outros Paizes.
8.ª Cadeira = Economia Politica.
Quarto anno.
9.ª Cadeira = Direito Civil.
10.ª Cadeira = Direito Criminal, inclusa a parte Militar. Patrios.
11.ª Cadeira = Direito Civil, Criminal, Commercial, e Militar.
Quinto anno.
13.ª Cadeira = Hermeneutica Juridica, Analyse de Textos de Direito Patrio, Romano, e Canonico: Diplomatica.
14.ª Cadeira = Medicina Legal, frequentada na Faculdade de Medicina.
Art. 79.º Os Lentes actuaes das duas Faculdades reunidas ficam formando a Faculdade de Direito, mas conservam as suas antiguidades para os effeitos competentes, e continuarão a usar das insignias das respectivas Faculdades a que pertenceram, regulando entre si a precedencia pelas Leis, e estilos academicos, para o caso de reunião das duas Faculdades:
§. 1.º Aquelles que entrarem de novo para a Faculdade usarão das insignias daquella em que tiverem tomado o grão de Doutor; todos os mais usarão das insignias da Faculdade de Leis, que ficam sendo as insignias da Faculdade de Direito.
Art. 80.º A Faculdade de Direito fará a distribuição das Cadeiras pelos Lentes das duas Faculdades reunidas, sem attenção ás antiguidades; mas puramente á sua vocação, idoneidade, e estudos.
§. 1.º Os Lentes uma vez nomeados para as suas Cadeiras, não poderão ser substituidos, e a Lente da 2.ª, que lerá aos meos de cada anno seguinte em a 9.ª, alternando-se para a 1.ª, e para a 2.ª, e assim de cada 2.º anno.
Art. 81.º Os Doutores de qualquer das Faculdades reunidas poderão candidatar-se para entrar no Concurso a qualquer das Cadeiras da Faculdade de Direito.
Art. 82.º Os Estudantes que estiverem habilitados para o grão de Bacharel em qualquer das Faculdades reunidas ao tempo em que este plano fór posto em pratica, receberão os grãos na Faculdade, que tiverem escolhido: todos os mais deste ponto para traz receberão os grãos na Faculdade de Direito.



DECRETO.

Atendendo a que os rapidos e multiplicados progressos que tem feito os estudos superiores, especialmente no ramo das Sciencias naturaes; depois da ultima reforma geral da Universidade de Coimbra, tornam sumamente urgente uma nova organisação dos Cursos scientificos de tão grande e importante estabelecimento, por maneira que estajam completamente em harmonia com o estado actual dos conhecimentos: Hei por bem Approvar, e Decretar o Plano de Estudos, que para aquella Universidade Me foi apresentado pelo Vice-Reitor da mesma, o Doutor José Alexandre de Campos, e que me assignado por Manoel da Silva Passos, Secretario d'Estado dos Negocios do Reino. — O Secretario d'Estado dos Negocios do Reino assim o tenha entendido, e faça executar. — Paço das Necessidades, em cinco de Dezembro de mil oitocentos trinta e seis. — R. A. M. D. — Manoel da Silva Passos.

Dezembro 2018

DIA DA FACULDADE DE DIREITO
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

10:30H | SALA DOUTOR FERNANDO AGUIAR-BRANCO

Abertura pelo Professor Doutor Rui Manuel de Figueiredo Marcos,
Director da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra
Presidente do Núcleo de Estudantes de Direito

Presidente do Núcleo de Estudantes de Administração Público-Privada

Sentença Judicial vs. Sentença Pública

Juiz Desembargador Dr. Luís Miguel Ferreira de Azevedo
Presidente do Tribunal da Relação de Coimbra

15:30H | AUDITÓRIO DO COLÉGIO DA TRINDADE

SESSÃO SOLENE DE COMEMORAÇÃO DO DIA DA FACULDADE DE DIREITO

O Dia da Faculdade de Direito em que recebemos um Presidente da República da Bulgária

Professor Doutor Rui de Figueiredo Marcos
Director da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

Europa – Antigas Culturas e Novos Desafios

Petar Stoyanov · Presidente da República da Bulgária (1997-2002)

Discurso do Dia da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

Professor Doutor João Gabriel Silva · Reitor da Universidade de Coimbra

CERIMÓNIA DE ENTREGA DOS PRÉMIOS ESCOLARES

18:00H | COLÉGIO DA TRINDADE | CASA DA JURISPRUDÊNCIA

Prova de vinho búlgaro, oferecida por S. Exa. Vassilii Takev,
Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da República
da Bulgária em Portugal





no dos tratados de Portugal com os ou-

anno.

a a parte
Maritimo

anno.

ia, e Eur

Analyse

utada na

Faculdade

antiguida

tivas Fac

tilos academicos, para o caso de reuniao

para a F

utores: io

signias d

a distri

a antigu

rao fixos

os na 3.

esse fim.

Faculda

adeiras de

habilitac

em que

n escolhi

Direito.





to dos Tractados de Portugal com os ou-

anno.

a a part
Maritimo

anno.

ia, e Eu

Analyse

tada na

Facultad

antiguidade

tivas Fac

tilos academicos,

para o caso de reuniao

para a F

utor: to

signias d

a distri

a antiga

ção fixos

os na 3.ª

esse fim.

Faculda

deiras d

habilita

em que

escolhi

Direito.





COLÉGIO

IGIÃO DA TRINDADE | CASA DA JURISPRUDÊNCIA











EUROPA ANTIGAS CULTURAS E NOVOS DESAFIOS

PETAR STOYANOV

Presidente da República da Bulgária (1997-2002)

É uma honra para mim dirigir-me a Vossas Excelências neste momento solene, e um privilégio estar convosco neste Templo do Conhecimento. O prestígio, a fama da vossa Universidade e da vossa Biblioteca, o renome da Faculdade de Direito são um motivo de orgulho não só para os cidadãos de Portugal, mas para todos os cidadãos da Europa. É uma grande sensação aquela de que pertencemos à mesma comunidade de povos, cujas história e cultura estiveram, outrora, ora em harmonia, ora em conflito, mas que habitam hoje uma casa comum.





Venho da outra ponta do nosso continente. Historicamente, o meu país esteve vocacionado mais para o Leste do que para o Oeste Europeu. Quando, em 1453, Maomed, o Conquistador, tomou Constantinopla, a História parece ter acabado para a nossa parte da Europa. O povo da Bulgária, juntamente com os povos da Grécia, Sérvia, Roménia, Albânia e outros ficaram de fora dos processos do Renascimento, do Iluminismo e da Revolução Industrial, mas nunca perderam a sua identidade europeia e o seu sentido de pertença à cultura e às tradições europeias. Por sua vez, a

Europa Ocidental, tendo perdido as suas rotas diretas pelas nossa terras para o comércio com os países exóticos do Oriente, virou o seu olhar para o Atlântico. Começa a Era das Grandes Descobertas Geográficas, sobre a qual, anos mais tarde, Fernando Pessoa iria escrever: “Deus quis que o mar unisse, já não separasse”.

Com as façanhas de Bartolomeu Dias, Pedro Álvares Cabral, Vasco da Gama e Fernão Magalhães, o vosso pequeno país escreveu uma das páginas mais soberbas da História Europeia. Assim, há cerca de 600 anos, Portugal e a Bulgária pareciam distantes e irreparavelmente separados um da outra.

Após inúmeras reviravoltas, porém, após vitórias e provas históricas, parece hoje que os nossos dois pequenos países estão a defender as portas históricas da Europa: a porta do Leste e aquela do Oeste. Sobreviveram graças às suas profundas raízes históricas e culturais. Muito diferentes e, ao mesmo tempo, muito próximos, empenhados no destino da nossa casa comum europeia.

Existem hoje nesta casa, sem dúvida, sérias contradições, das quais as relações entre Bruxelas e Londres, entre Bruxelas e os países do Grupo de Vishegrad são apenas alguns exemplos. Por outro lado, perante a União Europeia ergueram-se novos desafios externos, uma pequena parte dos quais se



reconduz às relações com a Rússia depois da anexação da Península da Crimeia e, nos últimos tempos, às relações com os Estados Unidos. Apesar de tudo, porém, a Europa continua a ser o lugar mais atrativo no mundo para se viver. Até à crise migratória que, nos últimos anos, se tem tornado um dos maiores problemas perante a UE e por causa da qual se estão a levar a cabo as discussões mais violentas entre os países dentro da União, até esta



crise vem, de uma forma paradoxal, confirmar a afirmação de que os migrantes, incluindo aqueles que estão à procura para se salvarem da guerra e aqueles que estão à procura de uma vida melhor, preferem escolher a Europa como sua casa nova. Se se pensar melhor, os outros destinos atraentes para emigrar são países com civilização do tipo europeu: os EUA, Canadá, Austrália.

E, se vale a pena criticar por alguma razão a elite de Bruxelas, é porque parece que estão a dedicar todo o seu tempo para discutir critérios financeiros, homologação de normas, governos eletrónicos e digitalização — o que é importante, claro, mas assim ninguém consegue dedicar o tempo suficiente para pensar no futuro da Europa do ponto de vista do nosso fundamento cultural comum e do ponto de vista dos desafios civilizacionais em escala mundial.

Sou eurooptimista e estou longe da ideia de que estamos perto do “fim da Europa”. Mas, quando se trata do esgotamento de uma civilização e do seu declínio, devemos sempre recordar o declínio de Roma. Em 410, em Roma entra pela primeira vez como vencedor o bárbaro Alarich, o líder dos visigodos.

Devastou a cidade e tomou rumo ao Sul, onde acaba por morrer. Mas ele fez o que fez e, após uma agonia não muito prolongada, veio o fim do Império Romano. Foi então quando o grande poeta romano Claudius Rutilius, que ainda por cima era o prefeito de Roma, quer dizer, conhecia pormenorizadamente a situação do Império, escreveu o seu famoso poema *De reditu suo*, em que veio a afirmar veemente: Roma (ou seja, o Império Romano) era eterna, invicta e perduraria pelos séculos. Assim, levanta-se uma das questões mais perturbantes do ponto de vista do surgimento e do desaparecimento das civilizações humanas: a impossibilidade de os seus contemporâneos preverem o respetivo fim. Do ponto de vista atual parece incrível como Claudius Rutilius não reparou nos indícios perturbadores do declínio romano. Já havia muito tempo que os bárbaros estavam a desferir os seus golpes no Império Romano. Estando eu hoje no vosso lindo país, sinto-me obrigado a lembrar que, apenas uns anos depois da destruição de Roma por Alarich, entraram, no território atual de Portugal, os exércitos de alanos, vândalos e suevos. Cinco anos mais tarde, no ano em que Claudius Rutilius escreveu o seu poema, chegaram à Península Ibérica e, como se sabe, para ficar durante quase três séculos, os visigodos. A este propósito, o conhecido padre Paulo Orósio de Braga, talentoso cronista, escreve que os bárbaros se

instalaram neste território para ficar — o que só foi possível porque, afinal, na base da civilização romana, estavam a injustiça e a miséria que afetava a população. Nesta situação, como é que Claudius Rutilius poderia afirmar a ideia da invencibilidade e da eternidade do Império Romano, quando o Império estava sujeito ao tremendo ímpeto bárbaro, sem qualquer perspectiva de uma resolução duradoura do problema?

Por outro lado, se nos pusermos no lugar dele, teríamos de reconhecer que tal parecia impossível que o Império que dominava, na altura, o mundo inteiro então conhecido, dando ao mundo os mais esplêndidos exemplos em todas as áreas do génio humano: arte da guerra, política, construção, filosofia, poesia etc. etc., pudesse ser vencido por bárbaros vestidos em pele, cujos sucessores necessitariam de outros dez séculos até chegarem a apreciar o património de Seneca, Marcus Aurelius e Virgilius.

Queria que ficasse bem claro: o que estou a dizer não é, em caso algum, o meu guião para o futuro da Europa.

Para prevenirmos os cenários assustadores, temos que ter em conta que tal aconteceu e poderia voltar a acontecer. A Europa de hoje é, aliás, em grande medida, herdeira dos bárbaros de então, os quais se instalaram nos limites do Império Romano. Podemos

relembrar a frase engenhosa de Edward Gibbon, segundo a qual a civilização europeia moderna é “o triunfo da barbaridade e da religião” — é claro que os “bárbaros” de então foram inteligentes ao ponto de incorporarem na sua cultura todas as conquistas importantes de Roma, aceitando gradualmente o Cristianismo e construindo a Europa tal como a conhecemos agora. Seriam necessários muitos séculos, e ainda mais, até ao nascimento da Europa unida.

A moral da história da queda de Roma que vos contei e dos versos otimistas de Claudius Rutilius sobre a “Roma eterna” é uma: nunca esquecer os limites da capacidade das pessoas de preverem e gerirem os processos civilizacionais mundiais. O que significa que os sábios da Europa têm o dever de pensar na profundidade sobre todos os potenciais cenários e mais que tudo — no futuro da civilização do tipo europeu, no contexto de um mundo muito diferente quando comparado com o mundo antes da Segunda Guerra Mundial e antes da construção da Cortina de Ferro. O meu receio é que a maior parte das pessoas empenhadas na liderança da União Europeia tenha a propensão exclusiva de se ocupar com as coisas simples, de rotina, do dia-a-dia. Os desafios de hoje, porém, impõem muito mais profundidade e largura intelectual.

Nós, os europeus, fomos educados geração após geração num pensamento eurocentrista: da Grécia Antiga nasceu Roma, da Roma nasceu a Europa

Cristã, a Europa é a mãe do Renascimento e do Iluminismo. Mais uma vez: a Europa deu o início à ideia da governação parlamentar dos Estados e à Revolução Industrial. Fenómenos que mudaram o Mundo incondicionalmente no sentido político e no sentido económico. Em 1927, os autores da “História da Europa”, publicada pela Universidade de Oxford, afirmaram com convicção que, “em épocas distintas existiram muitas civilizações distintas, mas é a civilização da Europa que provoca a impressão mais profunda e mais larga (tal como desenvolvida dos dois lados do Atlântico), criando agora os padrões para todos os povos na terra”.

É politicamente incorreto, do ponto de vista atual, e seria muito pouco modesto dizer, mas a afirmação foi quase geralmente aceite nos anos entre as duas Guerras Mundiais. Até à última Grande Guerra, a Europa tinha dominado o mundo enquanto potência colonial e berço da Revolução Industrial. Mas o domínio verdadeiro e muito mais duradouro da Europa está no palco das ideias. Este domínio começa desde a era do Iluminismo e da Grande Revolução Francesa. Após a Segunda Guerra Mundial e particularmente após a abertura da Cortina de Ferro é que as ideias de governação democrática, baseada na vontade do povo, na livre economia de mercado e nos direitos humanos gozam de tanta popularidade que até os maiores ditadores no





mundo se sentem obrigados a imitar estas ideias, afirmando serem eleitos democraticamente, observarem as regras da livre economia de mercado, e por aí fora, de forma a não serem isolados pelo mundo, cada vez mais interdependente. Resumindo, até hoje foi absolutamente indamissível declarar-se publicamente contra as ditas ideias. Hoje em dia porém, cada vez mais pessoas do velho continente declaram abertamente que preferem a política da mão-de-ferro, ou seja, preferem a segurança mais do que os direitos e as liberdades do Homem. O tempo em que vivemos difere radicalmente de todas as épocas anteriores à nossa. Em resultado do incrível desenvolvimento da revolução das tecnologias, o mundo à nossa volta está a mudar a um ritmo nunca antes conhecido, o que significa que o domínio da civilização de tipo europeu poderá vir a ser ameaçado muito antes do esperado. E os líderes da União Europeia terão que o ter em conta. Como aliás os intelectuais europeus também.

Mas a principal questão discutida hoje em dia é: Será que a União Europeia está em crise? Se assumirmos que os problemas atuais da União Europeia poderiam ser definidos como crise, surge logo a questão: é uma crise institucional, ou uma crise existencial? Se institucional, então afeta a União Europeia enquanto instituição, enquanto uma união de Estados. Se existencial, então tal significava estar esgotado já o modelo civilizacional europeu. Apesar

dos sussurros maliciosos dos inimigos deste modelo, está longe de ser verdade. Caso contrário, os inimigos da Europa “hiper liberal e agonizante” não iriam escolher Londres, Paris, ou Nova Iorque como sua residência. Parece-me que os problemas são, para já, de índole institucional e, por esse motivo, ainda poderão ser resolvidos. Mas para tal serão precisas muita sabedoria, devoção e responsabilidade. É este o desafio que as elites europeias, políticas e intelectuais têm a obrigação de enfrentar.

Temos o dever de não esquecer que a criação da União Europeia custou esforços extraordinários. Acreditem ou não, mas um dos pais fundadores da União, Jean Monnet, disse o seguinte: “A Europa nunca existiu. As pessoas têm que criar a Europa, com sinceridade”. Ele teve razão: dois séculos antes, o seu famoso conterrâneo Montesquieu escreveu com amargura nas suas *Cartas Persas*: “nunca houve reino algum com tantas guerras como o Reino de Cristo”. Quando, em 1648, foi celebrado o Tratado de Paz de Westphalia, pondo fim à guerra de 30 anos entre católicos e protestantes, os povos na Europa suspiraram com alívio; o Papa Inocêncio X porém ficou muito triste e, para descrever o acontecimento, chegou a utilizar numa exposição sua nove adjetivos negativos, entre os quais: “tolo, reprovável e ímpio”. Pensava o Papa que o Tratado tinha acabado de vez com a esperança da união do mundo cristão e, em certo sentido, tinha razão. A

partir daquele momento, nunca ninguém no Velho Continente utilizou mais o termo “mundo cristão”. Assim, após as guerras sangrentas entre cristãos e cristãos, o Continente passou a ser referido como Europa.

Mas para quê regressar tão longe: ainda dez anos antes dos Tratados de Roma em 1957, dos quais nasceu a Europa Unida, alemães, franceses, ingleses, belgas estavam a matar-se uns aos outros durante a Segunda Guerra Mundial.

O que quero dizer é: a União Europeia de hoje não foi nenhum presente gratuito para os nacionais dos Estados Membros, foi criada por pessoas com sabedoria, visão e responsabilidade. E, muito provavelmente, a sua preservação e o seu desenvolvimento implicarão mais esforços do que aqueles implementados para a sua criação.

Уважаема госпожо заместник-ректор Мадалена
Аларкао,

Уважаеми господин декан на Юридическия
факултет Руй

Фигейредо Маркош,

Уважаеми дами и господа магистрати,

Уважаеми колеги,

Скъпи отличници студенти,

За мен е чест да се обърна към Вас в този тържествен момент и привилегия да бъда сред вас

в този храм на знанието. Славата на Вашия университет и неговата библиотека, както и реномето на юридическия факултет са повод за гордост не само за гражданите на Португалия, но и за всички граждани на Европа. Това е велико усещане — усещането, че принадлежим към една и съща общност от народи, чиято история и култура са били, както в хармония, така и в сблъсък помежду си и които днес обитават един общ дом.

Аз идвам от другия край на нашия континент. Исторически страната ми е принадлежала повече на европейския Изток, отколкото на европейския Запад. Когато през 1453 година Мехмед Завоевателя превзема Константинопол, историята сякаш свършва за нашата част от Европа. Народът на България остава встрани от процесите на Ренесанса, Просвещението, Реформацията и Индустриалната революция, но никога не загубва европейската си идентичност и чувството си за принадлежност към европейската култура и традиции.

От своя страна, загубила своите преки пътища през нашите земи за търговия с екзотичните страни от Ориента, Западна Европа обръща погледа си към Атлантическия океан. Настъпва ерата на Великите географски открития — много години по-късно Фернандо Песоа ще напише: „Бог пожела морето вече да съединява, а



не да разделя”. Чрез подвизите на Бартоломеу Диаш, Педро Кабрал, Вашку да Гама и Фернандо Магелан вашата малка страна написва едни от най-забележителните страници в Европейската история. Към онзи момент, преди около 600 години, Португалия и България изглеждат сякаш непоправимо отдалечени и разделени една от друга.

Обаче след много исторически превратности, победи и изпитания, днес нашите две малки държави сякаш защитават двете исторически порти на Европа — Източната и Западната. Съхранили се като нации, благодарение на дълбоките си исторически и културни корени. Много различни и същевременно много близки, отговорни за съдбата на общия ни европейски дом.

Без съмнение, в този дом, днес има и сериозни противоречия: отношенията между Брюксел и Лондон, между Брюксел и страните от Вишеградската четворка например. От друга страна ЕС е изправен и пред нови външни предизвикателства, като само част от тях са отношенията с Русия след анексирането на Кримския полуостров, а напоследък и отношенията със САЩ. Но въпреки това Европа си остава едно от най-привлекателните места за живеене в света. Дори мигрантската криза, която

през последните години се оказва един от най-големите проблеми пред ЕС и заради която се водят най-ожесточените дебати между страните вътре в Съюза, дори тя по един парадоксален начин доказва това твърдение — мигрантите — и тези които се спасяват от войната, и тези, които търсят по-добър живот, предпочитат именно Европа за свой нов дом. Всъщност и останалите привлекателни дестинации за емигриране са страни, принадлежащи на европейския тип цивилизация — САЩ, Канада, Австралия.

И ако си струва да критикуваме за нещо брюкселския елит, то е защото сякаш цялото им време днес отива за обсъждане на финансови критерии, уеднаквяване на стандарти, електронни правителства и дигитализация, което разбира се е важно, но така на никого не му остава време, да се замисли за бъдещето на Европа, от гледна точка на нашия общ културен фундамент и на световните цивилизационни предизвикателства.

Аз съм еврооптимист и съм много далеч от мисълта, че сме близо до „края на Европа”. Но когато става въпрос за изчерпването на една цивилизация и нейния Залез, винаги трябва да си спомняме залеза на Рим. През 410 година в Рим за първи път влиза като победител варварин — вождът на вестготите Аларих.

Опустошава града и се отправя на юг, където и умира. Пробивът обаче вече е направен и след не много дълга агония идва краят на Римската империя. Точно по това време големият римски поет Клавдий Рутилий, който на всичко отгоре е бил и префект на Рим, т.е. бил е запознат отвътре със състоянието на империята, пише знаменитата си поема *De reditu suo*, в която най-убедено твърди, че Рим (разбирай Римската империя) е вечен, непобедим и ще пребъде във вековете. Това повдига един от най-смущаващите въпроси, от гледна точка на появяването и залеза на човешките цивилизации — невъзможността на съвременниците им да предугадят техния край. От днешна гледна точка изглежда невероятно, как Клавдий Рутилий не е забелязвал смущаващите признаци на римския упадък. Варварите от дълго време нанасят своите удари върху Римската империя. Тъй като съм във Вашата прекрасна страна, съм длъжен да напомня, че само една година след опустошаването на Рим от Аларих, на територията на днешна Португалия навлизат войските на алани, вандали и свеви. След още пет години — годината, в която Клавдий Рутилий пише своята поема, на Иберийския полуостров идват, както се оказва, за дълго — почти три века — вестготите. Павел Орози, известният свещеник от Брага и талантлив летописец, пише, че

варварите са се настанили сравнително трайно върху тази територия, защото в основата на римската цивилизация лежат несправедливостта и мизерният живот на населението. Как при това положение Клавдий Рутилий утвърждава идеята за непобедимостта и вечността на Римската империя, когато империята е подложена на този страшен варварски натиск, без никакви изгледи за трайно справяне с проблема?

От друга страна, ако се поставим на негово място, трябва да признаем, че е изглеждало невъзможно, могъщата империя, която владее почти целия познат тогава свят, която дава на света едни от най-бляскавите образци във всяка област на човешкия гений — военно изкуство, политика, строителство, философия, поезия и т.н., може да бъде победена от облечени в овчи кожи варвари, на чиито наследници ще трябва почти десет века, за да започнат отново да се възхищават на наследството на Сенека, Марк Аврелий и Вергилий.

Искам да бъде съвсем ясен: това, което казвам, в никакъв случай не е моят сценарий за бъдещето на Европа.

Но за да бъдат предотвратени страшните сценарии трябва винаги да имаме предвид, че някога те вече са се случвали и пак могат да се случат. Всъщност, днешна Европа в голяма степен е наследник на някогашните варвари,

настанили се в пределите на Римската империя. Ако използваме находчивия израз на Едуард Гибън, днешната европейска цивилизация е „триумф на варварството и религията” — разбира се, тогавашните „варвари” са били достатъчно умни, за да инкорпорират в своята култура всички значими постижения на Рим, постепенно да приемат християнството и след това да изградят Европа, такава каквато я познаваме. За това ще са нужни обаче много векове, особено до раждането на обединена Европа.

Но историята, която разказах, с падането на Рим и свръх оптимистичните стихове на Клавдий Рутилий за „вечния Рим” има само един смисъл — винаги да помним, че способността на хората за предвиждане и управление на световните цивилизационни процеси са много ограничени. Което значи, че мъдрите хора в Европа са длъжни да мислят в дълбочина за всички възможни сценарии и най-вече за бъдещето на европейския тип цивилизация, на фона на един много различен свят, в сравнение със света от преди Втората световна война и вдигането на Желязната завеса. Моят страх е, че повечето хора, заети с управлението на Европейския съюз, имат изключителната склонност да се занимават с обикновените, ежедневните, рутинните неща. А за

днешните предизвикателства се искат много по-голяма задълбоченост и интелектуален мащаб.

Но основният въпрос, който се разисква днес е: В криза ли е Европейският съюз? Ако приемем, че днешните проблеми на Европейския съюз могат да се дефинират като криза, веднага трябва да се запитаме, дали това е институционална или екзистенциална криза. Ако е институционална криза, тя засяга Европейския съюз като институция, като обединение на държави. Ако е екзистенциална криза, това би означавало, че европейският цивилизационен модел вече се е изчерпал. Въпреки злорадите нашепвания на враговете на този модел — това съвсем не е вярно. В противен случай, враговете на „свръхлибералната и агонизираща“ Европа нямаше да избират местоживеенето си в Лондон, Париж или Ню Йорк. Струва ми се, че проблемите са все още само институционални и затова те могат да бъдат решени. Но за това се иска много мъдрост, отдаденост и отговорност. И точно това предизвикателство европейските политически и интелектуални елити са длъжни да приемат.

Впрочем длъжни сме да осъзнаем, че създаването на Европейския съюз е струвало изключителни усилия. Няма да повярвате, какво е казал един от бащите основатели на Съюза — Жан Моне: „Европа никога не е съществувала. Хората трябва искрено да създадат Европа”. И той е бил абсолютно прав — два века преди него, забележителният му сънародник Монтезкьо отбелязал горчиво в своите „Персийски писма”, че „никога не е съществувало царство с толкова граждански войни, колкото царството на Христос”. Когато през 1648 г. се сключва Вестфалския мирен договор и тридесетгодишната битка между католици и протестанти е преустановена, гражданите на Европа въздъхнали с облекчение, но папа Иннокентий X бил силно наскърбен и за да го опише, използвал в едно свое изложение девет отрицателни прилагателни, между които „глупав, осъдителен и нечестив”. Папата считал, че след този договор, надеждите за обединение на християнския свят са разбити завинаги и в известен смисъл бил прав. От този момент нататък никой на стария континент вече не използвал словосъчетанието ”християнски свят”. Така след кръвопролитните борби между

християни и християни, за континента започнало да се говори като за Европа.

Това, което искам да кажа е, че днешният Европейски съюз не е получен даром от гражданите на страните членки, създаден е от хора с мъдрост, визия и отговорност, а неговото съхранение и развитие ще изискват вероятно повече усилия от усилията, вложени за създаването му.

Благодаря за вниманието.







O DIA DA FACULDADE DE DIREITO EM QUE RECEBEMOS UM PRESIDENTE DA REPÚBLICA DA BULGÁRIA

RUI DE FIGUEIREDO MARCOS

Director da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

SENHOR PRESIDENTE PETAR STOYANOV,
EXCELÊNCIA

SENHORA VICE-REITORA DA UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

SENHOR EMBAIXADOR EXTRAORDINÁRIO E
PLENIPOTENCIÁRIO DA BULGÁRIA EM PORTUGAL
VASSILY TAKEV

SENHOR PRESIDENTE DO TRIBUNAL DA RELAÇÃO DE
COIMBRA

SENHORES DIRECTORES DE FACULDADES E DEMAIS
AUTORIDADES ACADÉMICAS

EXCELENTÍSSIMAS AUTORIDADES CIVIS, MILITARES
E RELIGIOSAS



SENHOR PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DA
FACULDADE DE DIREITO

SENHOR PRESIDENTE DO INSTITUTO JURÍDICO

SENHORAS VICE-DIRECTORAS DA FACULDADE DE
DIREITO

SENHORES DOUTORES

SENHOR PRESIDENTE DO NÚCLEO DE ESTUDANTES
DA LICENCIATURA EM DIREITO

SENHOR PRESIDENTE DO NÚCLEO DE ESTUDANTES
DA LICENCIATURA EM ADMINISTRAÇÃO
PÚBLICO-PRIVADA

ESTIMADOS ESTUDANTES

SENHORES FUNCIONÁRIOS

SENHORAS E SENHORES

As casas que nos abrigam, as coisas que nos cercam vão ganhando parecenças connosco. Tributamos-lhes, via de regra, um carinho e uma admiração crescentes. A Faculdade de Direito, de certo modo, toma a nossa fisionomia, a fisionomia daqueles que lá habitam e dir-se-á que vive a nossa vida, vive através dela e nós vivemos a sua.

Cada qual, à sua maneira, estima a nossa esplêndida Faculdade de Direito de Coimbra. E desde a verdura dos tempos de estudante. Até as pequenas lamúrias inscritas no passado soam a um delicioso pungir.

A razão decisiva não se afigura de um intrigante vislumbre. O segredo, segundo julgo, radica no poder mágico da saudade, especialmente em relação a uma prestigiosa Faculdade, pletórica de lendas, recheada de episódios fantásticos e povoada, em gerações sucessivas, por figuras historicamente carismáticas. Ora, a saudade diviniza tudo. O próprio demónio, se o tivéssemos visto, em forma de professor, seria hoje, na nossa memória, um resplandecente anjo de asas brancas.

As lembranças que nos marcam não morrem. Conservam uma natureza rodopiante as erguidas no ambiente fértil da Faculdade de Direito. Adormecem e acordam ao menor ruído numa vigília sem tréguas. Mesmo que transformadas em vincos na face, continuam amáveis.

As considerações acabadas de produzir não escondem o propósito de encarecer o significado do

Dia da Faculdade. Não me cansarei nunca de o elevar a Dia inestimável de guarda e de reflexão.

Já o disse e repito-o, uma vez, duas vezes e vezes sem conta, que o Dia da Faculdade devia ser o dia mais concorrido do ano. Sustentei-o antes de envergar a veste ataviada de Director e mais vigorosamente o sustente agora.



Em momentos congéneres, recorri a ousados lances de ucronia para enaltecer o Dia da Faculdade. Às vezes, julgo benfazeja a atitude de atirar a nossa imaginação para bem longe, onde, mesmo através de escarpas inclinadas, possa subir a um cume. E daí avistar uma paisagem composta e recomposta por pensamentos sonhados.

Pertence ao domínio dos factos tão indisfarçáveis quanto esquecidos por alguns que todos nós não seríamos o que somos, se não fosse a nossa Faculdade. Insisto sem reboço. Vislumbrar o que cada um de nós poderia ou não ter sido se não houvesse estanciado dentro das exigentes paredes da Faculdade de Direito, faz-me acudir à lembrança a tirada labiríntica de um enigmático ministro de D. Sebastião: “porque no que não foi, antevira o que pudera ser, se fora”. Que luminosa escuridão.

Tentando ler no meio da escuridão, o que surge implacável na marcha do tempo são as portas que se vão fechando atrás de nós e que depois nunca mais conseguimos abrir. Podemos bater com aldrabas poderosas, mas ninguém nos escutará. Sob futuros céus límpidos ou nimbados de nuvens, o que pessoalmente mais me perturba é vir a sentir uma saudade horrível daquilo que não fui.

ILUSTRES CONVIDADOS
SENHORES DOUTORES
SENHORAS E SENHORES

A Direcção de uma Faculdade não representa um passeio outonal, esperando que o esvoaçar das folhas traga a resolução dos problemas. Ouvi dizer que, em épocas recuadas, a Faculdade de Direito de Coimbra se governava a si própria. Bastava olhar para os exemplos dos nossos grandes Mestres e imitá-los e tudo correria dentro dos carreiros mais propícios e benfazejos. Tudo se transfigurou e tudo mudou à nossa volta.

A teia burocrática que domina a organização universitária apresenta-se de uma voracidade de insaciável. Esmaga o entusiasmo, consome as energias e devora o tempo, o bem mais precioso para estudantes e para professores. Não dá alento ao talento.

Cada vez mais me convenço que a Direcção de uma Faculdade só pode conjugar-se no modo de uma servidão honrada. Não suscita realizações espantosas que atraiam a atenção fácil ou que entusiasmem ao aplauso as proclamas públicas. Não se encontra revestido a ouro o rochedo que se empurra sem cessar e nele se acham, de quando em vez, algumas partículas escorregadias. Cumpre reconhecer que a virtude exercitada engrandece, embora alguns observem que o prémio das virtudes públicas não se desvela numa coroa de louros. Ao invés, não raro assume a forma de uma coroa de espinhos. Um remédio talvez resida em mandar pouco e bem,

porque quem quiser que lhe obedecam muito deve mandar pouco.

Impõe-se preservar a esplêndida unidade espiritual da nossa Faculdade, mesmo quando naturais ânsias se agitam no peito. Não devemos resvalar para uma absolutização acirrada e avessa a qualquer mudança. Mas também não devemos cair num relativismo dissolvente em que tudo é permitido. É maravilhoso ensinar quando se faz o que se diz.

SENHORES DOUTORES
SENHORAS E SENHORES



Ninguém se escuse de agradecer constitui uma sentença cada vez mais repleta de sentido. O agradecimento é, porventura, o único dos excessos em que um Director se pode exceder sem ter necessidade de se redimir. Só que, em boa verdade, o que vou salientar não encerra excesso algum.

As exigências redobradas e as tormentas imprevistas cercam, por todos os lados, o corpo directivo. De golpe em golpe, subjugam todas as suas faculdades e todos os seus nervos. Como um papel desvalioso, riscam e amarfanham o seu tempo, tomando, afinal, conta de quase tudo nas horas de cada um. Daí que, por ditame de justiça, derrame



gratos e incontidos elogios às Senhoras Subdirectoras Ana Raquel Moniz, Matilde Lavouras e Susana Aires de Sousa, entretanto de novo inteiramente cativa das reflexões penalistas. Elogios e louvores que gostaria que ecoassem longamente nesta belíssima Capela do Colégio da Trindade e de modo nenhum soprados em surdina ao ouvido de cada uma.

Abundam as razões para que, diante de tão selecto auditório, mostre também público apreço pelo corpo de coordenadores que serve a nossa Faculdade. Repousamos na sua dedicação e competência. Não calo, pois, o meu vivo agradecimento aos Senhores Doutores Jorge Coutinho de Abreu, João Reis e Rui Pereira Dias, a par da Senhora Doutora Joana Nunes Vicente pelas fadigas tarefas que carregam.

SENHORAS E SENHORES

A Faculdade continua a trilhar um caminho de progresso. Mostra-se senhora de um poder de atracção cada vez mais amplo, de um dinamismo cada vez mais criativo, de uma internacionalização cada vez mais radiosa e de uma formosura cada vez mais exuberante.

Não vou encarecer o registo impressionante de dois mil e quinhentos pretendentes que nela aspiravam ingressar. Também não desfiarei, para não fustigar a paciência de Vossas Excelências, o rol

desbordante de acções que marcaram o ano que está prestes a terminar.

Apenas me permitirei respigar algumas novidades.

O Curso de Jurisprudência tão louvado pelos estudantes abriu portas e acordes sentenciosos já se ouviram nesta belíssima Capela do Colégio da Trindade. A sua segunda edição vai iniciar-se em breve. Como bem o acentuou Camões, “Doutos varões darão razões subidas”, mas “é melhor ter muito visto”. E muito praticado.

Da face editorial promovida pela Faculdade,



realça-se a “Coimbra Jurídica”, colecção inovadoramente abraçada pela Imprensa da Universidade e que já conta com diversas obra saídas da pena de professores de renome.

No sentido de preservar o riquíssimo património intelectual que se foi construindo, sublinho a primorosa encadernação, a folha de ouro, realizada pela Fundação Ricardo Espírito Santo das teses dos Professores de Direito de Coimbra do século xx, de modo nenhum esquecendo as dissertações mais próximas de nós. É uma maneira bonita de as transmitir às gerações vindouras.



Falando de livros, não deve calar-se o monumental investimento na Biblioteca da nossa Faculdade. Com inteira indiferença pelas áreas jurídicas e pelas predileções, deu-se sequência a todos e a cada um dos pedidos.

O Instituto Jurídico tomou-se de um entusiasmo febril. Padeceria vertigem quem pretendesse acompanhar a assombrosa sucessão de realizações científicas da mais variada natureza. Tudo debaixo da sábia batuta do seu presidente, o por muitos títulos consagrado Doutor José Manuel Aroso Linhares. O rosto impresso do Instituto Jurídico que é, por excelência e origem, o *Boletim da Faculdade de Direito* muito continua a dever ao insuperável Doutor João Loureiro.

Não escondo a satisfação que sinto, em nome da Faculdade, de poder sublinhar que quase vencemos a onda gigante de Doutoramentos que quase nos afogou, muito por causa da inclemência da lei para com a classe dos assistentes. Só durante o ano de 2018, realizámos trinta e cinco provas de Doutoramento, o que constitui uma cifra nunca antes atingida. Aproposita-se o ensejo de enaltecer a preciosa ajuda do nosso Professor Decano e agora também Presidente da Assembleia da Faculdade, o Doutor António Pinto Monteiro. Enfrentaremos, doravante, a caudalosa sequência de provas de agregação, já iniciada, e de concursos. O sorriso que conseguimos oferecer, a nós regressará outra vez.

Prossegue a campanha de expansão das nossas instalações e de aformoseamento da nossa Faculdade. Recuperámos dignamente uma quarta sala no Palácio dos Mellos e vamos juvenescer a famosa Sala de História do Instituto Jurídico enquanto se aguarda a magna intervenção nos Gerais, para a qual também contribuímos em termos financeiros nada desprezíveis.

Enchemos de luz salas, galerias e corredores e valorizou-se imenso o mobiliário, incluindo o das salas dos Núcleos dos Estudantes. Criámos o hábito de oferecer uma prenda de aniversário à nossa Faculdade. Na linha de outras prendas não desvaliosas, como a figura de convite setecentista, este ano adquiriu-se um bonito painel de azulejos do



início do século xx. Identificado e descrito na literatura da especialidade, saiu da forja talentosa da célebre Fábrica do Rato. Pequenos gestos para uma grande Faculdade.

Está longe de ser uma obra de arte a Direcção de uma Faculdade. Mas dela não devem permanecer arredias certas preocupações estéticas. Sempre me pareceu que as paredes e os ambientes também falam, dão prestígio e requintam os espíritos.

SENHORAS E SENHORES

Na rosa dos ventos internacionalizantes, uma subida menção merece o espraçar das relações com a China. Estabeleceu-se no Colégio da Trindade, sob a benfazejo patrocínio reitoral, uma nova instituição, a denominada Academia Sino-Lusófona, especialmente talhada para o domínio jurídico no quadro propício da ambiciosa iniciativa chinesa “Uma Faixa, uma Rota”.

À Faculdade de Direito de Coimbra é pedido que assuma um papel de vanguarda e de plataforma giratória das relações da China com o mundo lusófono no capítulo do direito e como suporte jurídico de empreendimentos comerciais. Nesta linha se inscreve um protocolo assinado há instantes, no Palácio da Ajuda, e diante do Presidente Xi Jinping. Trata-se do Acordo com a robora da

Universidade de Coimbra e da Academia das Ciências Sociais da China, para entre nós estabelecer um “Centro de Estudos da China”, sendo raríssimos os que existem por esse mundo fora.

São já bastantes as escolas de direito chinesas interessadas em colaborar com a Faculdade de Direito de Coimbra. Dessa lista constam a Faculdade de Direito da Universidade Normal de Pequim, a Faculdade de Direito da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai, a Beijing Foreign Studies University e o Colégio Nacional de Juizes de Cantão. Firmado está o acordo com a mais renomada Faculdade de Direito chinesa, a *China University of Political Science and Law*.

O florescimento das relações internacionais não tem parança. Atesta-o o número crescente de estudantes internacionais e de cursos breves para estrangeiros. E de que maneira ajudam estes últimos a recheiar o nosso mealheiro de receitas próprias.

Bem visíveis se tornaram as múltiplas visitas à Faculdade de Direito de Coimbra de ilustres embaixadores que a colocaram na sua rota. Constituem, fora de dúvida, um outro ângulo internacionalista da imagem da nossa Faculdade.

Não se podem trazer os olhos baixos. É preciso decidir. Os indecisos convertem-se em eternos adiados. Ou nada fazem à espera da melhor oportunidade, ou suspiram pelo impossível, o que se





traduz no mesmo. Os indecisos conservam algo de irritante. Há quem compare o indeciso ao moribundo. Ali está, entre a vida e a morte. Não se decide a viver ou a morrer.

Firme no nosso horizonte encontra-se um gesto decidido, com inédita expressão institucional e tremendo préstimo para as legiões de estudantes brasileiros. Em mente temos principalmente os que cumprem toda a sua formação jurídica em Coimbra e que também precisam de saber direito brasileiro. A iniciativa de uma nova Licenciatura em Direito Luso-Brasileiro foi já aprovada pelo nosso Conselho Científico e pelo Senado da Universidade de Coimbra. O futuro dirá se ela vai ficar viva ou quiescente.

ESTIMADOS ESTUDANTES

O estudo reconhecido e louvado vive e cresce. Uma das partes mais aguardadas desta cerimónia destina-se a galardoar os estudantes estudiosos, aqueles que, pelo seu elevado merecimento, se guindaram a posições de destaque.

A juventude é a idade heroica. Goza da prerrogativa de usar o tempo em holocausto a decorosas paixões fora do claustro da academia. Um bom estudante precisa de saber estudar e de saber não estudar. Precisa de alguma dose de talento, de alguma dose de renúncia e de alguma dose de coragem.





Uma vez que se assinala por todo o lado a passagem do Centenário do Nascimento de Nelson Mandela, chamo em meu socorro, porque se me afigura muito afeiçoada à circunstância estudantil, a definição que ele dava de coragem. Dizia Nelson Mandela que ninguém nasce corajoso e que, no seu entendimento, coragem é aquilo que escolhemos ser.

Bom estudante ou *dandy* é aquilo que cada um escolheu e quis ser. Pois bem. Honra aos que escolheram e lograram ser os melhores.

ILUSTRES CONVIDADOS
SENHORES DOUTORES
SENHORAS E SENHORES

Enobrece o Dia da Faculdade de Direito de Coimbra com a sua egrégia presença e com a sua sábia palavra Sua Excelência o Senhor Presidente da República da Bulgária de 1997 a 2002, Petar Stoyanov.

Para recebermos tamanha distinção, contámos com a preciosa intercessão do Senhor Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da Bulgária em Portugal, Vassily Takev, um distinto diplomata, com o raro senhorio de fartos pergaminhos familiares e profissionais.

O primeiro Reino Búlgaro alonga as suas raízes ao século VII e ao Tratado de Paz com o Império Bizantino assinado em 681. Muitas vicissitudes ocorreram e muitos sacrifícios suportaram os povos

búlgaros, designadamente sob o jugo otomano até que, em 1878, o Tratado de San Stefano, subscrito entre a Rússia e o Império Otomano estabeleceu um principado búlgaro autónomo. Em 1908, o principado búlgaro erigiu-se em Estado independente. A significar que o Presidente Petar Stoyanov visita a Faculdade de Direito de Coimbra, exactamente coincidindo com a passagem dos cento e dez anos da independência da Bulgária moderna.

Na circunstância que passa, vale a pena recordar os laços que prendem a Bulgária à Universidade de Coimbra. A búlgara Irina Guiorguieva Bokova, diplomata de carreira e antiga Ministra dos Negócios Estrangeiros, assumiu o destacado posto de Directora Geral da UNESCO em 2009 e aí permaneceu até 2017. Ora, inscreveu-se precisamente no seu consulado um acontecimento da maior relevância para a história da Universidade de Coimbra. Foi ele a classificação, em 2013, da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia, na sua preciosa conjugação histórico-cultural, como património mundial da UNESCO. Só podemos continuar gratos a Irina Bokova, porque a gratidão é a memória do coração.

Não esqueço ainda o grupo de estudantes búlgaros que, à imagem dos oriundos de mais de cem países, estudam na Universidade de Coimbra. Mais uma outra curiosa oferta desse maestro misterioso que nos assalta de quando em vez merece subido realce.

Como uma orquídea rara que encontramos sem a procurar, aludo ao facto do rei da Bulgária, Simeão de Saxe-Coburgo-Gota figurar, no nosso livro da Faculdade de Direito de Coimbra, ao lado do ilustre Reitor da Universidade de Coimbra, o venerado Doutor de Direito Guilherme Braga da Cruz.

Aliás, num lance absolutamente inédito, o Rei Simeão II, depois de deposto e de longamente exilado em Espanha, regressou muito mais tarde à ribalta política à frente de um amplo movimento que ostentava o seu nome. O Movimento Simeão II, venceu umas eleições já disciplinadas pelo voto democrático e tornou-se Primeiro-Ministro precisamente na altura em que a presidência da República da Bulgária era ocupada pelo nosso convidado Petar Stoyanov.

SENHORAS E SENHORES

Cumpra agora, como é de preceito, esboçar um retrato do nosso ilustríssimo visitante, com palavras breves e bem colocadas. Nasceu Petar Stoyanov em 1952, no seio de uma família que não comungava da ideologia comunista dominante. Um traço vivo que nunca o abandonou.

Rumou à Faculdade de Direito da Universidade de Sófia, onde se licenciou em 1976. Envergou, em seguida, as vestes de advogado na sua cidade natal,

Plovdiv. Durante quinze anos, de 1977 a 1992, exerceu, como causídico, predominantemente nas duas áreas que lhe eram dilectas: o direito civil e o direito comercial.

A política teceu as suas teias encantatórias. De um modo significativo, foi, na condição de fundador de um partido, que Petar Stoyanov se envolveu, no mundo da política. Tratou-se da UDF, União das Forças Democráticas, cujas sementes Stoyanov lançou em Plovdiv. O partido vicejou e Petar Stoyanov viria a ocupar o posto de deputado no respectivo grupo parlamentar. Na turbulência do universo político, não se apresenta fácil ser toda a vida o mesmo homem. Mas Petar Stoyanov, ao contrário de muitos outros, mostrando inteira fidelidade, foi um homem de uma só cara e de um só partido.

A coerência virou um atributo raro. Tanta diferença há entre nós e nós mesmos como entre nós e outrem. Asseverou-o, do cimo do seu pensamento vibrátil, Montaigne.

Em sinal de um prestígio crescente, Petar Stoyanov integrou o primeiro governo não comunista desde o longínquo ano de 1944, altura em que a Bulgária ficara sob a órbita russa. Presidiu a esse histórico governo Filip Dimitrov (1991-1992) e o importante Ministério da Justiça foi confiado a Petar Stoyanov.

Novas escaladas se ergueram diante dos seus olhos. Disputou e venceu Petar Stoyanov as eleições presidenciais de 1996. Teve um poderoso oponente. Nada menos do que o então Presidente da República e candidato pelo partido socialista búlgaro, o Dr. Zhelyn Zhelev.

Permaneceu Petar Stoyanov na Presidência da Bulgária de 1997 a 2002. Com enorme habilidade, logrou ultrapassar, mal chegado à presidência, uma das piores crises políticas que atingiram a então jovem democracia búlgara. Tornou-se um paladino da luta contra a corrupção e contra o abuso de poder e um defensor intrépido da legalidade e dos direitos dos cidadãos. Rompendo com as tradicionais orientações em matéria de política externa, colocou, na sua agenda presidencial, a título prioritário, a adesão da Bulgária à NATO e à União Europeia. Aspirações que se viriam a concretizar, respectivamente, em 2004 e em 2007.

Pertenceu e pertence Petar Stoyanov a um rol imenso de importantes projectos e instituições. Foi eleito, em 2003, membro do *European Executive Committee of the Trilateral Commission*. Passou a integrar a direcção da *Global Fairness Initiative* fundado pelo Presidente Bill Clinton e o *International Advisory Board of the American Bar Association*.

É, actualmente, Honorary Co-Chairman of the *World Justice Project* e, desde 2009, assumiu a presidência do *Center for Global Dialogue and Cooperation* com sede

em Viena, que se destina a promover o diálogo entre as diferentes nações e religiões. Não vou continuar o cortejo. Apenas salientarei ainda que Petar Stoyanov tomou o lugar de Umberto Eco no *Board of Trustees* da Biblioteca Alexandrina.

Exibe Petar Stoyanov o peito constelado de condecorações e de prémios. Recebeu múltiplas ordens honoríficas provenientes de países como a Eslováquia, a Espanha, a Roménia, a Áustria e a Dinamarca.

Também se viu galardoado com diversos prémios. Entre outros, em 1997, foi-lhe outorgado o “*Leader of New Europe*” *Annual Award for Exceptional Achievements in Building the Image of New Bulgaria in the World*; em 1998, o *Annual Award of the American Bar Association* e o *Anti-Defamation League’s Courage to Care Award*; em 1999, o *Annual Award of the Association of Russian Lawyers in Moscow*; em 2000, o *Annual Award of the Crans Montana World Economic Forum* pela sua contribuição para o desenvolvimento da democracia e da *Free Market Economy*.

ILUSTRES CONVIDADOS
SENHORAS E SENHORES

Abeiro-me do fim, porque desejo manter em razoado bem disposto quem me ouve.

Com tantos e tão luzentes predicados, estou seguro de que a visita de Sua Excelência o Presidente Petar Stoyanov constituirá um ponto luminoso na infindável marcha dos Dias da Faculdade de Direito. Uma Faculdade cujas insígnias nos orgulhamos de ver envelhecer nos nossos ombros.

Bem sabemos que, nas asas prestigiosas da nossa Faculdade que a elevam e apontam para os céus, as oferendas que mais valem são os sacrifícios que mais custam. Não os regatearemos. Só assim a Faculdade de Direito será cada vez mais melhor, cada vez mais bela e cada vez mais justa. Assim tem sido e assim será.

Colégio da Trindade,
5 de Dezembro de 2018.











PROVA DE VINHO BÚLGARO

OFERECIDA POR S. EXA. VASSILIJ TAKEV,
EMBAIXADOR EXTRAORDINÁRIO E
PLENIPOTENCIÁRIO DA REPÚBLICA DA
BULGÁRIA EM PORTUGAL









CONCERTO DE SOLISTAS DA ORQUESTRA DE CÂMARA DE CASCAIS E OEIRAS

BIBLIOTECA JOANINA
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA









